

Esta obra faz parte do acervo do Instituto do Estudo da Filosofia de Fátima – Casa de Fátima IEFF, cedido gentilmente pelo psicólogo e fundador da casa Fernando Ben, de forma gratuita.

Este livro não pode ser vendido de nenhuma forma e nem publicado em outro local sem autorização, sob LEI N° 9.610, DE 19 DE FEVEREIRO DE 1998.

Volume 1

SÉRIE OPINIÃO

A Filosofia de Fátima

**Fernando Ben
&
Indira Petit**



SÉRIE OPINIÃO:

I - *A Filosofia de Fátima*

por Fernando Ben e

Indira Petit

Rio de Janeiro, 2021

IEFF

CATALOGAÇÃO PREPARADA NA
PRÓPRIA EDITORA

Silva, Fernando Ben Oliveira

Petit, Indira

Série Opinião: A Filosofia de Fátima |
Volume I | Fernando Ben Oliveira da Silva &
Indira Petit

Rio de Janeiro, RJ: IEFF, 2021, 65 páginas;

14x21 cm

978-65-990988-6-4 by IEFF

Título: Série opinião – Volume I

Setembro de 2021. Publicado no Brasil

Published in Brazil

Transcrição: Fátima Rubia

Correção ortográfica: Rosana Andrade

Arte da capa: Thais Teixeira

Miolo e edição: Thais Teixeira

*Resultado da Live que ocorreu no dia
22 de agosto 2021, pelo Instagram.*

Fernando: Indira, hoje nós vamos falar sobre a Filosofia de Fátima. Estou tão feliz com isso!

Estamos juntos nessa empreitada de novo, mais uma vez.

E esse material, é claro, a gente vai estar bem à vontade, mas futuramente vai ser transcrito, para gerar um livro, uma publicação gratuita para falar a respeito.

E aí tive um *insight* muito legal, sobre o que a gente vai debater hoje, como contexto de fé. A gente explicar para pessoas, porque tem muita confusão, não é?

Então, qual é a essência da Filosofia de Fátima?

Para o que se destina, qual é a ideia, como surgiu, o que é?

O que nós temos como crença?

Você é espírita, Indira?

Indira: Ah, meu Deus, por favor não!

Fernando: Não, não é espírita. Eu também não sou espírita. O pessoal comenta sobre isso, porque acha que é.

É uma corrente espiritualista?

Não! Não é uma corrente espiritualista.

É uma Filosofia de Vida, nova!

Tem uma perspectiva nova.

Foi fundada no Rio de Janeiro, em junho de 2018.

E a gente tem uma perspectiva nova.

Então, nada contra as doutrinas, as religiões, nada.

Mas nós não somos espíritas.

E é bom porque isso já tira as dúvidas necessárias.

E aí eu queria fazer essa divisão e tal.

Indira, para você, na sua perspectiva, tudo que você escreveu, tudo que você participou, vivenciou conosco, em relação à Filosofia de Fátima, o que é a

Filosofia de Fátima em essência para você? O que você diria?

Indira: A Filosofia de Fátima é uma Filosofia de ensinamentos Cristãos, de base Cristã.

E ela iniciou através dessa consciência que nós atribuímos o nome de Fátima, que se comunica através de você.

E Fátima fala que surgiu a ideia da Filosofia, porque ela não identificava, nas religiões atuais, o pensamento original de Jesus, o pensamento primitivo o que seria o Cristianismo.

E por não identificar isso, fundou-se a Filosofia de Fátima no Rio de Janeiro em junho de 2018.

A Filosofia de Fátima tem dois pilares que a sustentam:

O primeiro é o Estudo, como uma maneira de autoconhecimento, e que assim nós possamos fazer alguma melhora, que cada um identifique, que precisa fazer na sua própria vida.

E o segundo são as Ações Sociais. Através das ações sociais, através dessa possibilidade, de olhar e ajudar os outros, que nós possamos também ajudar a nós mesmos e ajudar a nossa sociedade. Acho que é basicamente isso.

Fernando: Então é justamente isso, uma Filosofia de Vida, que tem como princípio ajudar as pessoas que estão envolvidas, como um grupo e ajudar as pessoas na sociedade de forma geral.

Como por exemplo, hoje, na Casa de Fátima, o pessoal chegou cedo porque recebemos muitas doações de roupas. E essas doações, os voluntários vão separar o que for masculino e feminino ou para criança. Colocam numa mesa sapatos, limpam, o que for necessário, organizam.

E nós convidamos a comunidade para vir buscar gratuitamente. A gente não faz brechó, não faz nada disso. A gente recebe e entrega, doa.

E teve também café da manhã para quem não tinha se alimentado ainda.

Fomos resolver também umas questões de problemas sociais.

Amanhã mesmo eu tenho que ir à Clínica da Família resolver um problema lá. São pessoas que estão precisando e, às vezes, não têm quem possa resolver isso para elas, então é uma ajuda social. Isso no bairro de Sepetiba, no Rio de Janeiro.

Mas a ideia é assim, não é viver em função de uma ajuda para terceiros, não é praticar assistencialismo, não é para ficar como uma “tábua de salvação” para ajudar as pessoas. Não, é uma coisa natural.

Primeiro cuidar de nós mesmos, nós nos cuidamos.

A gente se cuida. Não digo a gente estar bem, porque ficar bem não sei se a gente consegue.

Indira: Se não a gente já tinha morrido, né colega?

Eu sou da teoria que quando a gente fica bem, a gente morre. Aí sim está bem!

Fernando: É por aí. Não sei se a gente vai ficar bem.

Mas a gente se cuidar, se respeitar.

E a gente cuida do outro, com respeito, com atenção, com dignidade. Acaba, o outro que é o próximo, no grupo e também estendendo isso para outras pessoas.

Isso é bom ser dito para ser feita uma explicação sobre a questão, como funciona isso.

Porque, em outras religiões, eu vejo como uma condição obrigatória para caracterizar uma caridade.

E aqui é uma Ação Social. São coisas que você doa. Hoje, além das roupas, teve corte de cabelo masculino.

É isso, é essa a questão, mas a gente vai falar das Ações Sociais, como são realizadas, numa filosofia de vida, porque é assim:

Veja que legal!

No início, naquele *link*, que fala o que é a Filosofia de Fátima, e você até escreve lá dizendo que, com base no que a gente estudou, a gente recebe conceitos de vários lugares, e respeita todas as crenças, de Krishna, de Buda, de tudo.

Mas se nós olharmos direitinho, ela parte do suposto de que é aquela ideia de Jesus, mais simples, do cara que saía na rua, bebia vinho, conversava, falava lá com os plebeus uns palavrinhas talvez, não sei. Relaxado da vida e que ajudava, e que não teve nada disso de criar uma religião. Não teve essa ideia. E as pessoas transformaram isso. Não tirando o quão grandioso foi tudo que ele, e as pessoas envolvidas com ele realizaram.

Só que tem um princípio ainda mais interessante disso. Que é o questionamento que a gente faz.

Eu queria que você falasse sobre isso, que é o seguinte, aí entra o contexto de crença.

Nós acreditamos que a Fátima, em uma das encarnações, foi a Madalena, nós acreditamos nisso.

E nós não acreditamos que Madalena tenha sido uma prostituta. Nada contra as prostitutas, muito pelo contrário, é uma profissão como outra qualquer, mas ela não foi uma. Então tem que ter justiça sobre isso.

E aí a gente questiona o que ela, como mulher, tinha para dizer naquela época.

O que ela, presente na vida de Jesus, tinha para dizer? E o que todas aquelas mulheres presentes, que foram silenciadas, caladas, o que teriam para dizer, em vez daquela história pronta que foi passada lá, e que ficou na bíblia.

Então, teria mais afeto, mais respeito, menos fenômenos e mais amor? Menos estrondo de andar nas águas, e mais o poder do amor e do afeto e da compreensão?

Então, o que tem nisso que gera de tão interessante na Filosofia de Fátima? Não é digno de uma personalidade feminina? Fala para gente.

Indira: Eu acho que a gente começa falando que a Filosofia de Fátima, vem dessa perspectiva feminina.

E isso faz uma diferença, quando se fala dos ensinamentos de Jesus.

Nós estávamos em uma época e em uma sociedade (a época em que Jesus viveu), em que as mulheres, assim como hoje, eram a maioria.

Mas naquela época elas foram silenciadas, pelos homens da época.

E, ao ser contada a história de Jesus, as mulheres foram relegadas a dois papéis, havia a mulher adúltera arrependida e tinha o ideal de santidade, de pureza, que era Maria, a mãe de Jesus, Maria de Nazaré.

Eram essas as mulheres que eram aceitáveis para a história, que foi contada, de Jesus.

E chega Maria Madalena quebrando-os.

Maria de Madalena, hoje ela já é reconhecida como não sendo, aquela mulher adúltera que a Bíblia relata.

A Bíblia fala de uma mulher adúltera, mas em momento nenhum aparece o nome dela. E essa mulher adúltera é perdoada por Jesus e tudo.

E o Papa Gregório, no século V, salvo engano, no século VI, faz essa união de que Maria Madalena é essa

mulher adúltera. E nós crescemos com essa ideia, de que ela era essa mulher arrependida que se aproximou de Jesus.

A que isso serve? Por que isso interessa?

Por que não podia ter ao lado de Jesus, mulheres que viveram de forma livre, tranquila, nem um ideal de santidade, nem o extremo do pecado?

E se tinha todas essas mulheres na sociedade, da época, e se elas ouviram os ensinamentos de Jesus, porque Jesus falou para as multidões, onde estão os evangelhos que essas mulheres escreveram? Onde estão os insignos?

Por que que todas as pessoas que viveram na época de Jesus, a gente conhece os quatro evangelhos que compõem a Bíblia Católica, mas há mais de noventa evangelhos escritos àquela época, de pessoas que viveram a época de Jesus, de pessoas que viveram um pouco depois da época de Jesus, e que deixaram em seus relatos. Mas nenhuma mulher deixou nenhum relato?

Acho interessante isso.

E a Filosofia de Fátima resgata essa perspectiva feminina, trazendo não só a continuidade dos ensinamentos de Jesus, mas a continuidade da prática de Jesus.

Porque a Bíblia escolhe relatar os milagres que Jesus fez, as manifestações que ele teve, depois de ter ressuscitado.

Então, quando Lucas consegue tocá-lo.

Quando ele anda sobre as águas e os discípulos conseguem pegar muitos peixes.

Mas, se Jesus vivia conversando com as multidões, vivia em contato. Vamos falar assim, nos dias de hoje, vivia em contato geral com a galera.

Por que, que a gente só tem um discurso de Jesus que teve continuidade, que é o do sermão do monte?

Por que, que a gente não ouve o que Jesus falava no dia a dia. Quando sei lá, esbarrava numa pessoa na rua?

Ou o discurso que ele fazia de manhã depois do café, com as pessoas com quem ele tomava café, já que ele era rodeado de muita gente?

Fala aí!

Fernando: Eu acho que você falou uma coisa muito legal, que vale a pena a gente falar rapinho, que é o seguinte: Eu acho que as religiões e os religiosos, de uma forma geral, veem o mundo de forma, num imaginário, que não corresponde a olhar o ser humano, como ser humano.

Porque é o que você falou, está passando na rua, uma cidade agitada, aí bate, esbarra. É normal, você se chateia. E essa fantasia de que bate e “oh, perdoai-me” . E esse negócio de câmera lenta, aí vem o trombadinha, já rouba o relógio, rouba os brincos.

Não faz sentido. Não é real.

Quando a gente tem um discurso mais realista, por exemplo, tratar as pessoas com respeito e dignidade, mais realista no seu contexto. A gente sai dessa coisa fantasiosa.

Por que isso é tão importante? Porque a gente não vai tratar os problemas de forma reducionista. Aí vai chegar nas instituições filosóficas religiosas, uma pessoa com problema;

Vou dar um exemplo para gente voltar ao que você estava falando.

Hoje uma senhora falou: Tem aqui o meu primo que precisa de andador, cesta básica e foi fazendo os pedidos.

Eu falei: Olha senhora, vamos lá, estão fechadas aqui as quantidades de cestas básicas, porque as doações diminuíram muito por causa da pandemia. Mas só a cesta vai resolver o problema?

Porque a senhora não me leve a mal, eu não quero entrar em detalhe não, mas eu sou da área da saúde e eu queria tocar no assunto com a senhora. Ele tem problema com álcool? Porque ele veio aqui uma vez e eu vi que ele estava meio cambaleando.

Ela disse: Não, ele é pai de santo e, às vezes, ele incorpora.

Eu disse: A senhora me desculpe, mas ali ele só tinha incorporado a pinga. E eu acho que seria bom uma coisa completa. A gente tenta arrumar a cesta, tenta ver o trabalho, mas tem que tratar o alcoolismo. Se não tratar o alcoolismo, nada feito. Então vamos ver o que a gente pode fazer. Vamos procurar um centro de atenção psicossocial, para alcoólatras e questão de drogas, que é o CAPS. Ele tem que fazer o tratamento direitinho, a gente fazer o acompanhamento, para daí ele fazer um curso profissionalizante. Vou ver aqui uma colega que tem um curso para motorista de empilhadeira, que dá um dinheirinho, não precisa de escolaridade. Então vai fazer e aí sim, ele estará pronto para vida. Porque só a cesta básica e o andador, não são suficientes.

Então se eu olho de forma fantasiosa, eu vou achar que só dar a cesta básica é o suficiente. Que eu cumpro o meu papel na sociedade.

Não! Não se cumpre assim!

O ser humano, ele existe uma estrutura. Eu vou chamar de holística, mas não é holística de todo, de

tudo, de todas as coisas. Ele é completo. Então eu não posso pegar só um ponto e achar que isso está resolvido.

Então é muito importante ver isso. Se a gente olha de forma fantasiosa e reducionista, a gente não ajuda.

Indira: A gente estava falando sobre essa perspectiva feminina a respeito de Jesus.

E eu penso bastante sobre como será que Jesus tratava as mulheres da sociedade da época.

Em uma época onde a gente sabe que não é o machismo como nós conhecemos hoje em dia, mas que era um tratamento cultural, absolutamente normal.

E as pessoas tratavam as mulheres ainda como posse, tratavam as mulheres ainda como se fossem um pouco menores do que os homens.

E os poucos exemplos que nós temos de encontros de Jesus com Mulheres, relatados na Bíblia como nós conhecemos, são sempre muito carinhos.

Eu gosto sempre de lembrar da mulher com perfume de nardo, já naquela semana final, e aí eu vou abrir um parêntese aqui, a Bíblia relata como se fosse um período de uma semana do domingo de ramos até a crucificação, mas é um período mais longo. Mas é só naquela última semana, ele chega na casa de um dos dois Pedros, porque ele tinha dois discípulos chamados Pedro, ele é recebido na casa e tal, dá um boa tarde, um bom dia ou boa noite, sei lá que horas eram. E essa mulher chega, ela derrama um óleo sobre o corpo dele, e em alguns relatos históricos dizem que essa mulher era Maria Madalena, essa mulher derrama um óleo caríssimo nele, e Judas faz uma fala que diz assim: Que desperdício! O valor desse óleo daria para alimentar muitos pobres.

E Jesus faz uma fala que diz assim: Que essa mulher fez um grande favor a ele, pois ele entrou na casa daquele homem, e não tinham se quer lavado os pés dele, que era um costume da época. Porque as pessoas andavam com aquela sandalhinha de couro bonitinha, que os pés enchiam de poeira. E não tinham se quer lavado os pés dele. E aquela mulher tinha ungido ele

com aquele óleo. Tinha lavado os pés dele com suas lágrimas e secado com seus cabelos.

E ele fala diretamente a Judas dizendo assim: Os pobres, tereis convosco para todo o sempre, a mim, o meu tempo está acabando.

Eu gosto muito desse ensino de Jesus! E para mim mexe muito com o fato de que, no meu imaginário, aquela mulher teria sido escorraçada daquela casa, não fosse Jesus.

E esse é um de outros relatos, em que ele tem uma sensibilidade para com as mulheres, em um período em que a sociedade não tinha. Ele as acolhe, ele as enxerga como iguais.

E eu acho que isto é muito importante, no que vai formar o pensamento da Filosofia de Fátima.

O fato de que essa ideia, de que essa igualdade com que Jesus tratava os homens, era muito além de seu tempo. E é uma igualdade que hoje, mais de 2000 anos depois, nós ainda procuramos.

Fernando: Eu acho que até aumentou um pouco mais, foi aumentando.

Uma vez eu tive um acesso à informação sobre isso, que é mais ou menos assim, quem realmente tem poder na sociedade não são os fortes, são os fracos.

Não são os ativos, são os reativos.

Por exemplo, as mulheres eram completamente, sempre foram ativas de produzir, gerar, de acolher, de atravessar a questão do afeto, do sentimento e a questão da ação prática e tudo. E alguém incomodado, fraco, eles pegaram aquilo e reagiram contra aquilo. Não é assim na sociedade?

É assim!

Os grandes intérpretes, principalmente compositores, são considerados loucos. Porque eles criam.

E aqueles que são reativos contra aquilo, eles vão dizer que aquilo não presta, vai dar um outro sentido, outra coisa.

Eu concordo com essa perspectiva. E também fico pensando sobre o que, que essas mulheres tinham para falar, o que elas poderiam falar para sociedade.

Então acho que isso bate muito na ideia do trabalho da Filosofia de Fátima.

E um adendo também que eu coloco é o seguinte, eu aprendi uma coisa, eu falei com uma colega, ela é delegada de polícia, e eu aprendi uma coisa muito importante. Que eu disse: Será que tem coisas que eu faço, em função do machismo, porque eu sou imigrante nordestino, que eu trago natural, cultural, será que eu ainda realizo algum tipo de violência e tal?

Ela falou o seguinte, “Se você falar não, falar não é violência”.

Eu aprendi aquilo! Ah, Indira!

Não é humilhar!

Não é agredir!

Falar não é violência!

Então como eu já estou ficando velho, eu aprendi isso. Então, Indira, eu falo, falo, falo, agora eu falo.

Veja o caso que aconteceu do voluntário, quando saiu da casa em de 2018 abriu uma ficha crime contra minha pessoa, e não instituição, dizendo que trabalhava de graça na instituição e que isso para ele não poderia. Era como se fosse uma coisa errada. Gerou toda essa história aí, aproveitada por pessoas de má índole, inclusive dentro do próprio movimento espírita, que é lamentável, 'para gerar na questão do programa do fantástico, para gerar uma investigação, que não provou nada, porque que eu não sou, para que a juíza rejeitasse, anos a fio disso.

Por que disso? É a falta do entendimento de uma ideia básica dentro de qualquer filosofia, principalmente a nossa, o Voluntariado.

Imagina você ir na igreja, e você está lá ajudando com padre, e agora você; “me revoltei contigo padre! Eu vou te processar, vou abrir uma ficha crime”. Todos os lugares são assim.

Só que a Filosofia de Fátima, como não tem esse viés de cunho financeiro, não tem essa coisa de passe aqui a sacolinha, não tem essas coisas, então se achou no direito, esse cara, de ir lá e fazer isso. Organizou ele e mais umas pessoas próximas, numa má intenção tremenda, inclusive falando assim, “eu trabalhava 8 horas na reunião de graça”. Isso tendo assinado um termo de voluntariado. Haja vista a cara de pau. Porque se não ganhasse nessa forma, ganharia como um processo na área trabalhista, né? Mas isso foi muito mal-intencionado.

Graças a Deus foi comprovada minha inocência.

Mas por que eu trago isso à tona?

Porque a base da Filosofia de Fátima é o voluntariado. É a ajuda, é a atenção.

Por exemplo, o Fabrício, que está conosco aqui nessa *live*, lidera um trabalho da Filosofia de Fátima em Garanhuns, todas as terças e quintas-feiras, tem lá um trabalho de assistência a moradores de rua. Hoje eu falei com uma das maiores cantoras desse país, é muito conhecida no Nordeste, é uma cantora maravilhosa,

que é minha amiga. Conversei, expliquei, ela tem um trabalho social fortíssimo, numa cidade, Sertânia, que é próximo de Garanhuns. Eu falei: poxa, ajuda a gente, dá uma força aí para gente! O que sobrar de doação, ajuda a gente lá. Não é dinheiro não! É comida, é cobertor. Ela já conversou com ele e já está tudo certo. Mas é tudo voluntário!

Ele vai fazer o trabalho e não ganha nenhum real com isso.

Eu não ganho, você não ganha e ninguém ganha!

A gente faz um trabalho voluntário, pelo que a gente acredita da ideia que vai ajudar a pessoa.

Então, distorcer essa ideia não só como uma maneira de prejudicar, mas como a busca de um benefício pessoal em função disso, vou no mínimo dizer, eu não entendi absolutamente nada do que Jesus ensinou! Eu não entendi nada, do que essa galera que estava lá com Jesus ensinou! Entendeu? É você dizer isso para sociedade, eu não entendi nada. Além de eu destruir as coisas, eu não entendi nada!

Então eu acho que é bom ser colocado!

Eu falo porque eu vou morrer falando. Faz parte! Isso aí eu não vou esquecer.

Eu lido no meu coração!

Mas falar, eu vou falar. Eu vou ficar velhinho, se eu tiver saúde, eu vou falar: Você se lembra daquilo, Indira?

Falar não é violência, amor!

Indira: Eu gostei dessa: Falar não é violência! Eu agora vou levar isso para vida toda.

Fernando: Eu agora estou fazendo isso, até nas as minhas relações, para as minhas coisas aqui.

Teve um dia aqui que a Thaís estava brava com alguma coisa, e aí eu comecei a falar.

Ela disse: Você se cale! Eu não quero que você fale!

Eu disse: Não! Falar não é violência!

Eu passei o dia falando! (risos)

Falei, falei, falei, aí tomava café e falava. Não é violência, e aí você extravasa, você põe para fora. Um aprendizado para vida toda!

Sobre a questão do trabalho da produção literária, é também uma coisa muito legal, eu queria que você falasse.

Porque no início havia até a venda dos livros, como uma forma de ajudar para a manutenção da casa.

Porque foi doado o terreno, foi doada a construção, até uma parte, mas o resto tinha que seguir de alguma forma.

Quando terminou a construção, essa venda, que era em pequena produção, parou!

E todo processo, desde tudo que já era doado.

Tem mais de 70.000 pessoas que já baixaram os livros, gratuitamente.

E cada vez está vindo produções melhores e mais intensas sobre a Filosofia de Fátima.

Me fala o que você acha dessas produções, qual é sua opinião sobre isso?

Indira: Eu acho que esse é um ponto muito interessante da Filosofia de Fátima, que é o fato das obras, caso tenha alguém aqui que não saiba, todas são disponibilizadas gratuitamente, para que qualquer pessoa tenha acesso.

Hoje, acho que nós temos uma compreensão de que conhecimento de alguma maneira é poder.

E eu acho que não é o poder de uma pessoa sobre a outra, mas é o poder do autoconhecimento. Poder de se autolibertar através desse conhecimento.

E a Filosofia de Fátima oferecer isso, gratuitamente, tem a ver com isso.

Por que uma bíblia tem que custar sei lá, setenta reais?

Por que, no Espiritismo, você tem mil novecentos e não sei quantos livros, cada um custando um valor? Então se você quiser ler a obra completa, você vai ter que desembolsar um bom dinheiro.

O Budismo não tem livros, tem essa grande vantagem.

Mas o Hinduísmo tem livros. E a maioria dos lugares, esse livro é feito de forma paga.

E a gente poder disponibilizar esse conteúdo gratuitamente, faz com que esse conhecimento possa ser acessado por todas as pessoas, de maneira que me lembra uma fala de Seu Aluízio, no livro entrevista com a sombra, quando ele diz que o trabalho que nós estamos fazendo é para que, talvez, a pessoa não tenha dinheiro para comprar aqueles equipamentos caros, ele fala de uma luneta, mas ele quer dizer um telescópio e ele diz, que através do conhecimento, que aqui é compartilhado, a pessoa possa ver as estrelas dentro de si!

E ele fala que essa é a essência da Filosofia de Fátima!

Para mim, isso resume muito bem!

Fernando: É forte, é forte!

Tem uma pergunta aqui da Becker, que é:

Será que se houvesse mais passagens de Jesus com mulheres, alguma coisa hoje seria diferente?

Fernando: Totalmente, totalmente! Acredito sim, totalmente.

Porque como, pelo menos, a de maior poder financeiro e expressão, que é o catolicismo hoje, teria outra perspectiva, né?!

Porque se você olhar, quem faz as missas são os padres, homens, e as mulheres estão onde?

Então sim! Teria total diferença.

Eu vejo, pela Filosofia de Fátima, que é uma Filosofia recém-nascida, não tem essa expressão na sociedade de todo, ainda, mas é praticamente liderada por mulheres. A direção só tem mulheres. A produção das coisas, material, tudo são as mulheres.

E eu vejo quanto é rico de tudo, de discussão, de conversa, de ideias, de solução, as práticas, as coisas.

Então sim!

Na minha opinião faria muita diferença!

Porque o machismo não tem nada a ver com o homem. As pessoas confundem.

Machismo é a ideia que foi feita e atribuída dessa coisa da desvalorização da mulher, como uma forma sistemática para que ela não tenha expressão, e alguns homens mantivessem seu poder e tantas outras coisas. Estou sendo bem reducionista só para dar uma ideia.

Não é o homem em si.

Porque existem mulheres machistas, né?

Então isso é interessante falar.

Mas essa ideia da filosofia vem bem legal.

Uma dúvida da Moni: Há quantos anos existe a Filosofia de Fátima?

Fernando: A Filosofia de Fátima, como filosofia Religiosa, registrada no Rio de Janeiro, desde junho de 2018, conforme falou a Indira, mais ou menos.

É na fundação da Casa de Fátima, que há o registro dessa filosofia nova que mostra que a base da casa em

Termo Filosófico Social, vem com base nessa Filosofia. Três anos, um bebezinho ainda.

Uma outra coisa que também é importante, a durabilidade da coisa.

Aí você vê a Indira, graduada, pós-graduada, fala não sei quantas línguas, na última vez era inglês, espanhol, alemão, está estudando coreano também. Então é uma pessoa completamente atendida no mundo, inteligentíssima, mas você vê também, num outro extremo, a pessoa que não teve a oportunidade de estudar, não pode porque teve muitos filhos, mas está ali ralando, trabalhando. Ou num extremo oposto por exemplo, que também me deu muito orgulho, a Jussara, lá de Pedro Osório, que não estudava, ralava pra caramba, no interior do Rio Grande do Sul, fundou a Casa de Fátima, ralou, ajudou. E eu fiquei muito orgulhoso dela, ela passou agora para estudar Assistência Social, que tem tudo a ver com ela.

E é muito legal essa diversidade de ver pessoas de pontos extremos, com situações diferentes, cada um

com a sua realidade, mas juntas para realizar um trabalho. Isso é legal! Isso é muito legal!

Eu não dou o poder só por uma titulação. Eu dou o poder pelo esforço, pelo mérito.

Então se tem titulação e o mérito, ótimo. Se não tem, é o mérito de chegar lá, do que faz, como faz.

Indira: Eu acho que tem uma força na Filosofia de Fátima, nisso que você falou, de nós termos todos os extremos, de nós termos culturas diferentes, pessoas de regiões diferentes.

Então para quem não sabe, a Filosofia de Fátima ela existe aqui no Brasil, ela existe na Argentina, ela existe na Europa, existe no Japão.

Então é uma ideia muito universal.

E eu acho que é um bebê, tem 3 anos.

Eu não falo isso com nenhum senso de grandiosidade, de desejo de grandiosidade, nem para mim, nem para nenhum dos envolvidos, nessa construção, mas eu acho que essa ideia é muito poderosa e não é por

nenhum de nós humanos, é a ideia em si que é poderosa.

É a ideia em si, tal qual Jesus, arrasta multidões.

Talvez a nossa multidão não seja milhões e bilhões, como o Cristianismo, mas a nossa multidão consegue tocar e transformar vidas.

A começar por cada um que sente o chamado, que sente a transformação, a qual a Filosofia de Fátima convida.

E a passar por cada pessoa, que cada Ação Social consegue auxiliar.

É muito fácil a gente pegar a ideia Cristã de dizer; “amai-vos uns aos outros ou amai os seus irmãos”.

Quando a gente acha que o nosso irmão é a nossa família física, são os nossos vizinhos, são os nossos amigos, são as pessoas que estudam conosco, são as pessoas que frequentam a mesma religião que nós, são as pessoas que têm a mesma ideia política que nós temos.

É muito desafiador, quando nós somos convidados a olhar para aqueles, que em sociedade são invisíveis.

É desafiador, dizer que o meu irmão é aquela pessoa que está no sinal pedindo comida, que, às vezes, eu não quero ajudar, às vezes, eu quero até fingir que não o vi.

É muito desafiador, quando o irmão que eu preciso auxiliar mais, está dormindo debaixo da ponte, ou, às vezes, nem ponte temo, correndo o risco de morrer de hipotermia, enquanto eu durmo bem quentinha com a minha família. Achando que eu estou de fato, cuidando dos meus irmãos. Porque eu e a minha família estamos seguros e estamos bem.

É desafiador, quando nós somos convidados a amar os nossos irmãos e nós queremos odiá-los.

É preciso pensar também, que nós vivemos em um tempo, onde o ódio se tornou normal, onde o ódio se tornou natural.

O ódio a uma forma de pensamento.

O ódio a uma forma de amor.

O ódio a uma forma de vida.

E isso eu não estou falando somente na nossa sociedade, somente na nossa cultura, aqui no Brasil. Mas de uma maneira mundial, existe uma onda de ódio propagada.

E quando eu recebo o convite de amar ao meu irmão, é também um convite de amar aquelas pessoas que discordam totalmente de mim.

É o convite de amar aquelas pessoas, que fogem totalmente ao meu desejo de controle.

É o convite de amar aquelas pessoas, que eu estranho porque são tão diferentes, são tão arredios, são tão distantes da minha realidade, que parece que são meus inimigos.

Quando Jesus diz que o maior mandamento é “Amar a Deus acima de todas as coisas e amar ao teu irmão como a ti mesmo” é porque os dois são uma coisa só.

O “amar a Deus” é ideal de perfeição que eu nunca vou alcançar, mas partindo da ideia de que eu sou essa centelha divina, eu sou parte dessa força da criação, eu

sou um elo dessa corrente que une tudo que é vivo. E amar a Deus, é também amar a cada uma das suas criaturas.

Fernando: É bem isso!

Nós somos hipócritas pra caramba. Nós usamos o verniz de uma religião, para fingir uma porcaria de uma santidade que não existe.

Donald Winnicott, que é um pediatra e se tornou um psicanalista com teorias infantis, fala que toda criança tem uma perspectiva de ambivalência.

A criança não cresce sabendo o que é bom ou mau, ele vai lidando com esse sentido de ambivalência.

Aí você cresce num contexto político onde um fala assim: Eu preciso ter uma arma para proteger nossas mulheres.

Aí o outro contexto fala: Não, mas ele é um assassino e vamos fazer isso para derrubar.

E aí eu começo a criar uma ambivalência.

Aquela criança crescida não vai entender o que é ambivalência.

Não tem só bom e só ruim. Nós somos os dois. Faz parte.

Por exemplo, vamos falar sobre o cara do STF, o Moraes.

Esquece de como você falou das pessoas passando fome, problema na saúde pública, esquece de todas as outras situações. Então eu vou criando situações de ambivalência ilusória, no imaginário, para tirar por uma ambivalência real, que somos nós.

Qual o problema de eu me irritar, pegar um prato na minha casa e jogar no chão?

Indira: O problema é que você vai ter que pagar o prato.

Fernando: Exato! E limpar a sujeira que eu fiz. E dane-se, fui eu que fiz.

E qual é o problema de eu não estar bem, e passar um final de semana inteiro num local afastado, na

natureza, para me conectar, fugir de todo mundo, me conectar?

Isso não me faz santo! Como eu quebrar o prato, não me faz demônio!

Então é essa ambivalência que a gente tem que se respeitar. Para gente fazer um trabalho real.

Senão a gente vai fingir, vai criar um falso *self* para as pessoas.

Está tudo bem se você é doce. E está tudo bem se você está “p da vida”. Está tudo bem se você é amargo.

É uma sociedade infantilizada!

Primeiro que eu não acredito num Deus na figura que é construída.

A Filosofia de Fátima não acredita e a gente também não acredita. É muito infantil!

Eu crio um Deus homem, velho, para dizer que ele conseguiu as coisas na vida, para ser o dono do engenho, de barba e que resolve todas as coisas.

Aí a maioria das religiões se une e vai para igreja. E faz assim: Deus me dá um carro, uma casa, uma mulher para fazer tudo para mim ou um homem que pague tudo para mim, estou brincando com o contexto machista.

Então começa a fazer essa construção.

Que Deus é esse?

Não é um Deus!

É um serviçal, é um escravo que eu coloquei num pedestal para me servir.

Agora é diferente de quando eu olho e falo assim: Não existe Deus.

Nós somos deuses, porque fazemos parte da criação.

Existe uma energia de cocriação agora, e eu sou responsável por isso também.

E aí tem o seguinte também.

Se tiver algum tipo de problema que esteja acontecendo, eu também sou responsável.

É o que você falou. O cara está no meio da rua, está morando na rua. Eu faço o que com isso?

Eu entro em contato com um jornal sério, se houver, vai lá para poder fazer uma matéria, para poder ajudar aquela pessoa, para ver os responsáveis?

Eu faço uma campanha para ajudar?

O que eu faço, cara?

É brio pessoal?

É semancol!

É dizer assim: O que eu estou fazendo aqui no mundo?

Índira: Só uma pausa aqui para citar uma música, que encaixa perfeitamente no que você disse.

Que é uma música de Flávio José, que é compositor aqui da Paraíba.

O nome da música é “Filho do dono”, e tem um trecho que ele fala:

“Boi com sede bebe lama

Barriga seca não dá sono

Eu não sou dono do mundo

Mas tenho culpa, porque sou filho do dono”

Fernando: Eu trocaria só o “culpa”, mas é perfeito o que ele fala.

Indira: Sim! Trocaria por “eu tenho responsabilidade”.

Fernando: Sim! Eu tenho responsabilidade com isso. O que é que eu faço?

Então dentro desse contexto, as pessoas confundiram isso com papel político social. Mas isso é uma questão que está iminente à própria política, também o social, a todos os seres.

Jesus tinha essa construção. Madalena e todas as outras pessoas.

É uma construção de: O que eu faço para ajudar?

Inclusive os caras já tinham essa perspectiva terapêutica.

Eu acho que Jesus chegou assim;

Caramba gente, olha só! Para essa coisa toda! Esses Romanos estão acabando com a gente! Vamos relaxar, vamos tomar um vinho.

Vamos Jesus! Está difícil mesmo.

Então até para ele tirar essa tensão, que ia gerar angústia, ansiedade, depressão e males na saúde mental, ele relaxava.

Onde foi que criou esse contexto mentiroso, que as pessoas iam fingir que são santas e todas aquelas que não entram no nosso contexto pueril, infantil?

Eu tenho que excluir e tirá-las e dizer que todas elas não prestam?

Gente, pelo amor de Deus, isso é tão infantil.

Eu acho que essa é uma coisa legal, a essência desse debate.

Eu vejo isso nas palestras religiosas. Criam um contexto de pompas e circunstâncias, mas o real, cadê você real?

Cadê você sem o filtro do *Instagram*?

Cadê você sem os *stories* de festas e baladas?

Cadê você?

Cadê você quando você não está bem?

Você não existe, você é um *fake*!

E o que você está deixando para vida?

Um *fake*?!

Porque ninguém vai saber quem é você!

Porque as pessoas estão vendo apenas um *fake*!

Porque a Fátima nunca me cobrou falsa santidade.

Você sabe disso, Indira! Ela sempre me questionou, e eu venho desconstruindo. Você sabe o quanto eu já mudei como ser humano, nesses anos todos.

Porque eu sempre falei, eu não posso continuar a mesma coisa, eu tenho que melhorar.

E na construção da hipocrisia você não cresce, só cresce a ideia da hipocrisia.

Indira: Eu já falei isso em outra *live* e vou me repetir.

Eu acho que uma parte que me moldou muito, desde criança, eu sempre fui interessada em religiões no plural.

Eu ia à missa, eu tinha amigas que eram evangélicas e eu pedia para ir ao culto. E depois um pouco mais velha eu descobri uma Mesquita perto da minha casa, tentei ir, mas não rolou.

Mas eu sempre tive um interesse grande no que na minha cabeça, na época, era o Divino.

E, durante muito tempo, eu tive uma sensação de que, apesar de me identificar totalmente com as ideias do Cristianismo, eu não conseguia me encaixar nos padrões que eram aceitáveis para as religiões cristãs, que eu conhecia na época.

E no Cristianismo direto, no Catolicismo, Protestantismo, que era o que eu conhecia na época, eu não conseguia me encaixar naqueles dois ideais de mulheres, que nós falamos no início.

Eu não conseguia ser aquela mulher santa, perfeita, submissa e esse era um ponto chave.

E eu não conseguia ser uma pecadora arrependida. Porque eu não conseguia enxergar, coisas que eu vivi como sendo erradas.

Eu não conseguia aceitar estar em uma religião, onde para um homem era aceitável ele ter um comportamento, e para mim, enquanto mulher, eu deveria pedir perdão.

Eu não podia ser quem eu de fato era.

E a Filosofia de Fátima chegou para mim como um afago. Porque nela eu fui aceita de fato como quem eu sou.

Lógico que com algumas arestas a polir, algumas coisas a melhorar, mas, sem tentar transformar absolutamente o que eu era, para me encaixar no ideal dos outros.

Porque na Filosofia de Fátima eu acho que fica muito claro que ninguém nasceu para agradar ninguém. E não tendo essa figura máxima em um humano.

Você Fernando, é para a formação da Filosofia um líder religioso, mas você não tem nenhum *status*. Como de um padre, como um Presidente de casa espírita, como de Monge ou Diretor de um convento. Não existe esse status.

Então a maneira como a Filosofia funciona, ela é horizontal e não vertical.

Eu não tenho que me submeter a ninguém, e eu também não estou acima de ninguém.

E estar hoje no que eu identifico como essa irmandade, essa sociedade que nós estamos construindo, a cada passo, aos moldes do que eu considero o Cristianismo primitivo, me permite hoje, de fato, ser um grão de areia na construção de um mundo que eu sempre sonhei, que eu sempre procurei.

Que não é um mundo perfeito, não é um céu, não é um ideal de perfeição inalcançável ou alcançável, quando todos nós nos tornarmos anjos, mas um mundo onde é possível cada um ser! Sem que ninguém tenha que controlar um ao outro. Sem que ninguém

tenha que submeter o outro, ao que é o seu conceito de certo ou errado.

E quando Jesus fala de amor, eu hoje entendo que ele fala do amor do menor ponto ao maior, ao mais extremo, que até onde eu conheço, seria ele, Krishna, Buda, essas consciências iluminadas, mas que me parece, hoje, que o tempo dessas consciências passou.

Que hoje não cabe mais a gente esperar um salvador.

A gente esperar um consolador, como se fala no Espiritismo.

A gente procurar um Messias, ou até num nível menor, a gente esperar que na nossa sociedade venha uma Madre Tereza, um Gandhi, um São Francisco de Assis. Porque não cabe mais isso.

Não cabe mais eu delegar a minha responsabilidade, enquanto cidadã Pessoaense, Paraibana, Brasileira, Americana, Terráquea, a outra pessoa com mais competência ou maior do que eu. A responsabilidade é minha.

Ainda que essa construção que eu possa fazer, estando onde eu estou, seja muito pequena.

Ainda que quando eu concluir essa existência, eu tenha tocado a vida de sei lá, três pessoas. Três vidas inteiras que eu toquei, além da minha.

Então, hoje eu vejo os ensinamentos da Filosofia de Fátima e enquanto eu estou preparando os materiais, eu, às vezes penso; se um dia alguém pegar isso daqui e disser: Nossa, eles eram loucos. Nossa, isso aqui não faz o menor sentido. Que viagem! Qual que era o propósito disso daqui?

Digamos que um dia isso aconteça. E hoje eu me sinto tranquila. Porque o propósito disso foi a minha transformação.

E sei lá, sem querer pensar em catástrofe, mas se amanhã tudo acabasse?

Todas as pessoas que fazem parte da Filosofia de Fátima deixassem de existir, todos os livros fossem queimados?

Ficava a transformação que cada um conseguiu fazer em si mesmo!

E hoje eu estava pensando sobre isso.

Eu tenho a sensação, e talvez seja só uma sensação, de que quando eu desencarnar, não faz sentido mais, para mim, a ideia que eu terei uma identidade. De que eu serei um espírito que encarnou enquanto Indira, e que eu vestirei uma roupa de Indira, ou de Pedro, ou de Maria, ou de quem quer que seja, que eu fui em qualquer encarnação. Mas que eu vou me integrar a essa ideia, que é o propósito dessa existência aqui na Terra.

Fernando: Se tem uma coisa que eu apontaria, até como discussão do que a gente está falando, que é assim:

É uma fantasia coletiva na questão do Santo, que é mais cômodo.

Da mulher e do homem que estejam numa condição mais elevada, porque é muito mais cômodo.

Porque eles vão fazer comigo, o que eu não devo fazer. Todas as vezes que eu ouvi assim: Nossa, você é um Homem Santo, porque você faz caridade!

Eu sempre falei: Não sou não. Eu arregacei as mangas, descobri que eu preciso fazer para ajudar, e se todos fizessem não estaria o caos que está, e ponto final!

É muito cômodo para as pessoas eleger quem é santo, quem é luz, quem é amor.

Enquanto elas próprias tem uma responsabilidade na sociedade e não fazem coisa nenhuma.

Mas também é assim: Se elas não colocarem isso para outras pessoas, elas vão ter que assumir a responsabilidade quando as coisas derem errado, e isso elas não suportam, enlouquecem.

Então sempre tem que ter um padre *showman*. Tem que ter um espírita *coaching* maravilhoso.

Tem que ter um umbandista que faça um espetáculo, um Pai de Santo.

Tem uma coisa muito interessante que é assim: Teve uma senhora que ela veio falar:

Nossa, mas você não é como Chico Xavier! Chico Xavier era um doce!

Eu disse: Mas a senhora não conheceu o Chico Xavier.

As pessoas divulgaram a ideia de Chico Xavier.

Eu não estou desqualificando, mas ninguém é só uma coisa.

Estou vendo o pessoal escrever aqui.

Ah! A Indira é um amor, ela é um doce, ela é luz.

Indira: Eu sou um docinho! Pergunta à mainha.
(risos)

Fernando: Pergunta a mamãe dela, e as pessoas vão ver.

Eu não estou desqualificando tá, meu amor.

Mas todos nós somos assim. Todos nós temos os dois lados, esse é o momento florzinha. Amanhã é outro momento.

Indira: Uma vez mainha assistiu a uma palestra que eu fiz.

Aí terminou a palestra e todo mundo veio falar comigo. E aí aquele choque de realidade. Todo mundo veio falar que foi muito lindo. Aí mainha chegou em mim assim e fez: De hoje em diante eu só aceito que você fale comigo, nesse tom de voz que você faz a palestra.

Fernando: Maravilhoso, sensacional!

Indira: É isso minha gente. O que vocês estão vendo aqui, é uma ilusão. (risos)

Fernando: Não! Não é! É, É também!

Você precisou de atingir uma frequência vibratória, para tocar aqueles corações na palestra. Você sacou isso e fez. É isso.

Mas não ter a ilusão de achar que é isso. Porque ninguém é só uma coisa.

Esse entendimento das coisas é que faz a gente driblar essas bobagens.

A gente começar a olhar e; poxa eu nasci, eu estou com saúde agora, eu tenho inteligência, o que é que eu faço? Eu vou ficar sentado esperando as coisas acontecerem? Sai dessa cadeira, faz alguma coisa.

O Aluízio está pedindo para eu lembrar do assunto daquela senhora, que é importante. E eu vou falar.

Aí a senhora chegou e falou: Você não é Chico Xavier, Chico Xavier é um docinho.

Aí eu disse: Senhora olha, ali é uma imagem, precisou vender uma imagem. Ninguém é assim. Mediunidade não tem nada a ver com santidade.

Ela: Mas ele é amor!

E você tem horas que você não quer falar.

Senhora, o negócio é o seguinte: Eu sou um neurótico comum realista. Eu não aceito esta cadeira de santidade. Isso é inadmissível. A minha lógica e raciocínio repudiam esse tipo de coisa.

Agora se a senhora quer um esquizofrênico de estimação, arrume um.

Porque esquizofrênico é assim; ele vai entrar, “ah, eu sou D. Pedro II, ah! Eu sou Jesus, ah! Eu sou um abençoado”. Ele vai o tempo todo fazer isso, porque ele se legitima na fantasia criada pelas pessoas.

E tem um monte de gente assim. Tem um cara que diz que é Jesus Cristo.

É necessário a gente ter uma construção real.

Até quando eu digo: “O bem que eu deixo para outras pessoas”. É bem para mim, é bem pra Indira, é bem pra Thaís, é bem pra Nícia, mas pode ser que para pessoa não seja bem, porque ela se acostumou tanto a reclamar da vida, que fazer coisas boas é muito doloroso, ela se vê nessa identidade de dor.

Então as coisas são complexas.

Deixa eu contar uma coisa que é legal. Muita gente não sabe, mas que é legal.

Histórias são fundamentais. Jesus sabia disso.

Histórias ativam lugares do cérebro que dá relevo, um cheiro nas imagens tridimensional, em tudo.

Eu posso contar como te conheci, Indira?

Indira: Pode.

Eu tive contato com uma pessoa, um lugar mais afastado de João Pessoa, e eu estava num momento assim, que eu nem podia sair, mas a pessoa me convidou para passar o final de semana lá. Foi até uma experiência muito difícil, porque na época eu era vegano.

Indira: Não! A gente se conheceu antes disso.

A gente se conheceu em dezembro de 2017 quando você veio para o trabalho das cartas.

Fernando: É verdade! Eu fui fazer o trabalho das cartas em um ginásio (Mangabeira). Aí a gente se conheceu.

Fui lá conhecer o espaço e depois fui convidado para passar o final de semana. E é engraçado, que a Fátima deixou claro que tinha escolhido a Indira. A Fátima deixou claro isso.

Foi muito engraçado, porque eu vegano ainda não tinha o macete na época. Eu comia muita semente sem passar aquelas horas para eliminar. Eu estava soltando muitos gases. Fiquei na casa de uma senhora lá, mas o que eu soltei de gases (risos)

Eu vi que essa senhora falou assim: Isso aí são os espíritos ruins saindo, as energias ruins saindo de você.

Eu falei: eu tenho é um umbral na minha barriga, porque não é possível uma coisa dessas. (risos)

Aí tiveram as reuniões, as coisas.

Depois fiquei constrangido, porque a pessoa responsável lá, falou muito mal de mim. Não teve a dignidade de nem sequer de falar na minha frente, mas o trabalho em si, eu tenho muito respeito. A espiritualidade envolvida nesse trabalho, as pessoas envolvidas nesse trabalho.

E como foi importante isso.

Eu não fui lá para tirar a Indira. Eu fui lá para dizer olha, Indira, Fátima te vê. E é essa mesma Madalena,

que você também vê. É, ela está dizendo aqui que é isso.

E depois eu vou esmiuçar mais esses detalhes sobre as comunicações, Sofia, Madalena, Fátima, que hoje a gente já pode fazer, mas como foi rico.

Depois disso a gente começou a trocar as figurinhas.

E estabelecer esse vínculo, que nós temos hoje.

Com brigas e reencontros.

Indira: Atritos

Fernando: Se você encontrar uma pessoa e disser assim: Eu sou amigo do Fernando Ben.

Se você perguntar e disser eu nunca briguei com ele.

Eu vou dizer: É mentira!

Só tem um que é o Waldemar Falcão.

Indira: Também, se você conseguisse brigar com o Waldemar, era sacanagem.

Fernando: É o único. Eu acho legal.

É isso! Ser contrário!

Eu não concordo contigo. E daí?

Eu vou morrer por causa disso?

E você dizer também, eu não concordo contigo.

E depois fica tudo bem.

E como foi importante!

Porque os elementos que você trouxe, as coisas que foram colocadas, permitiram muita substância.

E eu acho que você pode produzir muita coisa, Indira para trazer às pessoas, sabe!

Mas tem muita coisa para produzir.

E agradeço muito, muito mesmo!

E a todas as pessoas que estão também nos ouvindo, vão nos ver em ocasião!

Sabe o que é mais legal da Filosofia de Fátima?

É isso olha!

Quantos casais homoafetivos tem na Filosofia, né! É branco, preto, amarelo.

É nordestino, é do Sul, do Sudeste, do Norte, do Leste, do Oeste e de outros países.

As pessoas se permitem e se respeitam, né!

Isso que é legal!

É permitir que essa pluralidade, essa diversidade, essa possibilidade de comunicação possa existir e se respeitar!

Eu sempre fui muito criticado por não assumir esse papel de líder religioso, no sentido de fingir santidade. Mas é porque tem um propósito!

Nenhum ser humano é melhor que o outro!

Nenhuma pessoa é melhor que a outra, maior que a outra!

Nós temos sim uma coisa boa!

Se a Indira não quisesse fazer, muita coisa a gente perderia em relação a isso.

Se eu não quisesse fazer, muita coisa eu perderia do meu jeito pessoal.

Que é a ajuda!

Indira: A Filosofia de Fátima em si não perderia?

Fernando: Não! Não!

Mas a gente tem que ter!

Também dizer assim: Ah! Vendo essas consciências, eu não tenho responsabilidade.

Tem! Participa! Assume esse brio aí! Assume esse brio aí, de que você também é coautor desse trabalho maravilhoso, na sociedade!

Então, assumir isso para fazer.

É nessa maneira que as coisas vão criando a liga necessária, para uma sociedade mais justa.

Indira: Eu acho que é isso!

Eu sou muito grata à Filosofia de Fátima!

Eu sou grata a personalidade Fernando! Que me encontrou naquele lugar e me mostrou uma

possibilidade um pouco mais ampla do que eu tinha oportunidade, na época, de enxergar.

Eu acho que o que deve ficar daqui é o convite para que cada pessoa, possa fazer por si.

De que não é Fernando!

Não é Indira, Não é Thaís, Não é Maura! Não é ninguém que esteja à frente da Filosofia de Fátima!

Mas a cada um que escolhe fazer parte.

Que se identifica com essas ideias.

Que pode fazer a sua parte, o seu papel.

Porque eu só posso fazer o meu!

Fernando só pode fazer o dele!

Cada um só pode fazer o seu próprio papel.

E se você se sentir, de alguma forma, tocado, inspirado, pelo que aqui foi discutido, que você não se acomode.

Porque é muito comum que a gente se acomode com a ideia de que, religiosidade, espiritualidade, fé ou o que quer que seja, vai esperar a gente ter tempo.

Por exemplo, não porque agora eu não estou com tempo de ir à missa, no culto, na palestra etc, agora eu não estou com tempo de fazer um trabalho, mas quando eu tiver tempo; vou querer ir lá.

Você nunca vai ter tempo, se você não priorizar!

Se você não identificar que você quer fazer parte disso.

Uma coisa é você estar vivenciando um momento difícil, e não poder fazer parte do que você deseja.

Outra coisa é você estar na sua rotina normal, e você dizer que; infelizmente não dá agora, mas um dia quando eu puder eu vou.

E aí? Vai e corre atrás!

Hoje você está vivo e vendo está *live*, não estou desejando a morte de ninguém, mas amanhã você pode nem amanhecer vivo.

Pensa em quantas pessoas na sua vida, já desencarnaram de forma repentina.

Se cria uma ideia de que a morte é sempre uma coisa distante, ou que você vai ter algum aviso, que você vai meio que saber a hora que você vai morrer. E se você não está sabendo é porque não está chegando a sua hora.

Mas a sua hora, pode ser qualquer momento.

Em um minuto você está respirando, num próximo você pode não estar mais.

Então!

Pare de adiar!!!

Fernando: Obrigado a todos! Obrigado Indira!